

editorial
editorial
entrevista
interview
ágora
agora
tapete
carpet
projeto
project

expediente
credits
próxima v!rus
next v!rus

V!23
REVISTA V!RUS
VIRUS JOURNAL

issn 2175-974x
dezembro . december 2021



ÁGORA
AGORA

DESSINCRONIZANDO O OCIDENTE: NOVOS VETORES DE DESENVOLVIMENTO DO SUL
DESYNCHRONIZING THE WEST: NEW VECTORS OF DEVELOPMENT FROM THE SOUTH
MARCELO MAIA, NATACHA RENA

PT | EN | PDF

Marcelo Reis Maia é arquiteto e urbanista, Mestre e Doutor em Arquitetura e Urbanismo. É professor da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde desenvolve pesquisas sobre Arquitetura, Urbanismo e Design, com ênfase em tecnopolítica, geopolítica e território, paisagem e ambiente, urbanismo chinês e urbanismo instantâneo. É membro do grupo de pesquisa Indisciplinar e do programa de extensão IND.LAB - Laboratório Nômade do Comum, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
marcelo.maia@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/2122259751390693>

Natacha Silva Araújo Rena é arquiteta e urbanista e Doutora em Comunicação e Semiótica. É professora da Escola de Arquitetura e Design e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Coordena o grupo de pesquisa Indisciplinar e o programa de extensão IND.LAB - Laboratório Nômade do Comum, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atua nos temas geopolítica e território, cartografias das lutas urbanas, arquitetura contemporânea e coletivos ibero-americanos.
natacharena@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/5202973767095132>

Como citar esse texto: MAIA, M. R.; RENA, N. S. A. Dessincronizado o Ocidente: novos vetores de desenvolvimento do Sul. **VIRUS** n. 23, 2021. [online]. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus23/?sec=4&item=2&lang=pt>>. Acesso em: dd/mm/aaaa

ARTIGO SUBMETIDO EM 15 DE AGOSTO DE 2021

Resumo

Este artigo objetiva apresentar uma visão cosmopolítica de futuro compartilhado nas relações internacionais Sul-Sul, considerando diferentes velocidades e vetores de desenvolvimento territorial. Como aposta política, adotamos uma metodologia que parte de uma multiplicidade de visões, principalmente utilizando fontes advindas do Sul Global. Na primeira parte do texto, buscamos apresentar brevemente o Estado-civilização China, desde as perspectivas: de seu líder atual, Xi Jinping (2020, 2021), do diplomata brasileiro Samuel Pinheiro Guimarães (2020) e do diplomata americano Henry Kissinger (2012). Também utilizamos como referência pensadores contemporâneos como o chinês Hu Angang (2017, 2020), autores brasileiros como Elias Jabbour (2020) e o pensador argentino Javier Vadell (2021). Seguimos esta análise das relações internacionais, com

características chinesas e a cooperação Sul-Sul, utilizando contribuições do Ministro Conselheiro da Embaixada da China no Brasil, Qu Yuhui (2021). Na segunda parte deste texto, realizamos uma reflexão apoiada no conceito de cosmotécnica, desenvolvido pelo filósofo chinês Yuk Hui (2020), que observa a tecnologia com o objetivo de recuperar a nossa capacidade de moldar o futuro. Finalizamos apontando desafios para o Sul Global envolvendo cooperação Sul-Sul, onde o 5G tem sido um nó fundamental para alavancar o desenvolvimento e, ao mesmo tempo, reforçar a soberania dos países envolvidos.

Palavras-chave: Geopolítica, Desenvolvimento, Cosmotécnica, Características chinesas, Tecnodiversidade

1 Introdução

Desde 2020, quando criamos o grupo de estudos "Geopolítica e Território" para realizarmos estudos sobre desenvolvimento territorial com características voltadas para a infraestrutura, mobilidade e logística, assim como infraestrutura digital, o novo modo de urbanização chinesa tornou-se a principal referência para nossa investigação. Ao iniciarmos uma revisão bibliográfica que conectasse temas nacionais aos temas de desenvolvimento aos moldes chineses, percebemos que pouco material vinha sendo produzido neste sentido, já que a vertiginosa ascensão econômica, política e urbanística da China é muito recente.

Portanto, parte da metodologia adotada para a escrita deste primeiro artigo que realizamos sobre a temática é composta pela revisão de uma bibliografia básica, envolvendo os principais autores brasileiros que abordam o desenvolvimento com características chinesas, o que inclui, com destaque, pensadores e interlocutores cotidianos para nosso grupo de estudos, como é o caso da dupla Elias Jabbour (2020) e Javier Vadell (2021). Para complementar esta revisão bibliográfica, que vem sendo produzida em tempo real já que o jogo geopolítico global está acontecendo em ritmo ultra acelerado, decidimos incluir a produção de atividades acadêmicas como webinários¹ e disciplinas que vem nos auxiliando a levantar fonte primária de informação sobre geopolítica envolvendo China e Eurásia como um todo. Temos construído um grande banco de dados a partir das pesquisas realizadas pelos alunos de graduação que vem nos embasando com *cases* reais e cotidianos envolvendo o desenvolvimento territorial na China e ao longo da Rota da Seda por toda Ásia, África, Oriente Médio e Europa.

Outro fator que compõe nossa metodologia de investigação tem sido acompanhar em tempo real diversas fontes brasileiras e chinesas de informação, desde *podcasts* mais populares como o "Pagode Chinês", passando por seminários acadêmicos e institucionais organizados pelo "Ceasia"² ou pelo "Observa China". Daí vamos estabelecendo diálogos e construindo a partir da troca de informação uma série de eixos de pesquisa que se desdobram entre os trabalhos de nossos orientandos de graduação, de mestrado e de doutorado. Finalmente, criamos um Grupo de Pesquisa denominado Geopolítica e Planejamento Territorial para consolidar este campo de investigação e organizar nossas pesquisas por eixos e grupos de pesquisadores com temáticas afins. Desde então já temos duas pesquisas de doutorado que se iniciaram este ano, abordando os temas (i) do desenvolvimento urbano chinês, (ii) da Rota da Seda e sua (iii) relação com a América Latina, que acabam por compor o centro das categorias analíticas e políticas a serem contempladas em nossos estudos.

Há algum tempo, nos interessamos por peculiaridades chinesas, que iam desde a produção de uma arquitetura contemporânea instigante à uma velocidade nunca vista antes na construção de edifícios e cidades inteiras. Estando atentos à alta tecnologia aplicada ao ambiente urbano, aos sistemas de transporte e aos controles inteligentes de serviços públicos. Seduzidos pela Rota da Seda, tecemos caminhos que conectam o Ocidente ao Oriente e chegamos no Império do Meio. Nos sentimos fascinados, assim como Marco Polo, ao descobrir uma outra civilização. Desde então, buscamos entender sua história, mas principalmente seus aspectos fundadores: culturais, filosóficos e tecnológicos. Chegamos à China do século XXI e nos perguntamos: "Por que, ao olhar a China, a humanidade não poderá viver tempos de grandes esperanças?" (JABBOUR, 2020, p. 33). "Nos deparamos com um novo modelo denominado 'socialismo com características chinesas', que levou a China por uma trajetória *sui generis* que sobrepõem características territoriais, demográficas e sociais, nunca renunciando a soberania no seu processo de ascensão." (VADELL, 2021, p. 11).

Neste artigo, buscamos entender as características chinesas como alternativa concreta para o desenvolvimento do Sul Global em "um mundo de futuro compartilhado" (XI, 2021). Portanto, trata-se de um texto introdutório realizado a quatro mãos, que revela uma etapa inicial de um novo caminho de investigação que estamos tentando construir, aprendendo e criando bifurcações no eixo de tempo global. A partir das ideias do pensador Yuk Hui (2020), buscamos desenhar uma linha de fuga de um tempo síncrono imperial, pois nos

interessa, enquanto parte do Sul Global, assumir nosso lugar, como pertencentes a uma formação de grupos que envolvem países em desenvolvimento³.

2 Sobre o Estado–civilização China

A nação chinesa é uma grande nação. Com uma história de mais de 5.000 anos, a China fez contribuições inelutáveis para o progresso da civilização humana. Após a Guerra do Ópio de 1840, no entanto, a China foi gradualmente reduzida a uma sociedade semicolonial e semifeudal e sofreu maiores devastações do que nunca.

O país sofreu uma humilhação intensa⁴, o povo foi submetido a grandes dores e a civilização chinesa mergulhou nas trevas. Desde aquela época, o rejuvenescimento nacional tem sido o maior sonho do povo chinês e da nação chinesa. (XI, 2021).

O grande sonho chinês é a revitalização da sua cultura, Estado e civilização por meio da unidade territorial. Desde 1978, a China passou por um processo de modernização acelerado graças "à reorientação radical, porém gradual e experimental, comandada por Deng Xiaoping, da política econômica da República Popular da China com base na abertura externa, na atração do capital multinacional e na economia de mercado." (GUIMARÃES⁵, 2020, *online*). Esse processo acelerado vem colocando este Estado-civilização no centro da geopolítica e o tornou referência mundial em tecnologia, inovação na indústria e desenvolvimento sustentável. Sob a liderança do Partido Comunista Chinês (PCCh), a China alcançou sua primeira meta centenária ao tornar-se uma sociedade moderadamente próspera, trazendo uma resolução histórica para o problema da pobreza absoluta na conclusão do seu 13o plano quinquenal (2016-2020). Nestes cinco anos, a China tirou mais de cinquenta e cinco milhões de pessoas da pobreza e seu Produto Interno Bruto (PIB) superou a marca de cem trilhões de yuan (CGTN, 2020, *online*)⁶ e a China tornou-se o primeiro país em desenvolvimento a realizar o objetivo de redução da pobreza, conforme as Metas de Desenvolvimento do Milênio das Nações Unidas. Diante desta conquista, o secretário-geral da ONU, António Guterres, elogiou a China como o país que mais contribuiu para a redução da pobreza global (CAMBUHY, 2020, *online*).

Segundo o Banco Mundial, a China resgatou mais de 850 milhões de pessoas da pobreza desde o início das reformas econômicas em 1978 (PRAZERES, 2020, *online*).

O crescimento chinês começou nos anos 1980, mas passou a impactar o mundo ao longo dos anos 1990, se consolidando no final da primeira década do século XXI, quando se torna a segunda economia do mundo. [...] Após a morte de Mao Tsé-Tung, Deng Xiaoping assumiu o poder em 1978. O pragmatismo que se seguiu é condensado no espírito do slogan do período: "não importa se o gato é branco ou preto, contanto que ele pegue o rato". As reformas que se seguiram foram centradas em estabelecer uma política de desenvolvimento econômico, mudando os rumos do socialismo da China e traçando um projeto novo para desenvolver o país por meio da liberalização econômica, mas que preservasse a orientação socialista e a liderança do Partido Comunista. O objetivo era transformar a China de um país pobre (na época com mais de 60% da população vivendo com menos de US\$1 por dia) em uma nação rica e poderosa no século XXI. (MORENO, 2015, p.13-14).

Hu Angang (2011), acadêmico chinês, fundador e diretor do *think tank* CAS (*Center for China Studies*), da Universidade de Tsinghua, em Pequim, é um dos intelectuais responsáveis pela formação de políticas domésticas e de relações internacionais do PCCh. Hu Angang, em seus textos, desenvolve dois temas para apresentar a China como um novo tipo de superpotência: seu otimismo e seu excepcionalismo. Segundo Kissinger (2021, p. 25), o excepcionalismo chinês é cultural, pois a China não faz proselitismo e não alega que suas instituições contemporâneas sejam relevantes fora dela. Em contraposição, o excepcionalismo americano é missionário. Segundo sua doutrina, os Estados Unidos têm obrigação de disseminar seus valores ao mundo. Na versão chinesa do excepcionalismo, a China não exporta suas ideias, mas deixa que os outros as busquem.

Para Hu Angang (2011), graças às realizações em educação, inovação e energia limpa, a China emerge como uma superpotência madura, responsável e atrativa. Este novo tipo de superpotência não tem a intenção de competir com os impérios hegemônicos do Ocidente para se tornar um líder unilateral do mundo. Segundo Hu Angang (2011), a China busca o multilateralismo e quer cooperar com as demais superpotências nos desafios globais econômicos, políticos, energéticos e ambientais. Desde o 12o plano quinquenal, a China tem buscado um desenvolvimento limpo e energeticamente eficiente, pois ela já sabia que para manter o seu ritmo de crescimento e o bem da população, essas políticas seriam fundamentais. Hoje, ao observar o desenvolvimento produtivo, urbano e ambiental da China, identificamos os resultados positivos desta meta política elaborada há

dez anos atrás (HU, 2011). Os resultados colhidos ao final do 13o plano quinquenal são consequências de decisões políticas tomadas em planos anteriores, ou seja, têm relação com uma acumulação de objetivos. O 14o plano quinquenal avança com várias metas, entre elas (CGTN, 2020, *online*, tradução nossa):

- + defender o papel central da inovação no seu impulso de modernização e implementar uma estratégia voltada para a inovação *web*;
- + construir um moderno sistema industrial melhorando sua capacidade de fabricação *web*;
- + modernizar a cadeia industrial e de fornecimento, objetivando alta qualidade e competitividade dos produtos chineses *web*;
- + priorizar o desenvolvimento da agricultura e de áreas rurais *web*;
- + avançar o desenvolvimento regional coordenado por meio de um novo tipo de urbanização *web*;
- + promover o setor e o *Soft Power*⁷ cultural *web*;
- + acelerar o desenvolvimento verde de baixo carbono, melhorando continuamente o meio ambiente, a qualidade e a estabilidade dos ecossistemas e a eficiência na utilização de recursos *web*;
- + buscar abertura do mercado promovendo a cooperação internacional de alto nível explorando as novas perspectivas de cooperação *win-win* (ganha-ganha) *web*;

A China é uma civilização que surgiu há mais de cinco mil anos dentro de um processo de sedentarização de tribos nômades. Há mais de três mil anos existem trocas comerciais em seu território. A perspectiva histórica nos revela que, até fins do século 18, a China e a Índia eram as maiores economias do mundo, antes das transformações da Revolução Industrial na Europa (UNZER, 2019, p. 1). A tecnologia produtiva na agricultura surgiu há cerca de dois mil anos com a invenção do arado de boi, a construção de canais para navegação, o controle do fluxo das águas pluviais e a irrigação das lavouras. Sua grande muralha protegia e unificava seu território rural–produtivo, e um sistema de canais navegáveis unia o norte com o sul, permitindo trocas comerciais seguras dentro do seu território unificado. (JABBOUR, 2021).

Segundo Elias Jabbour (2021), a China, em sua origem, é desenvolvimentista. Ela é uma civilização que nasce entre dois grandes rios, alimentados por degelos do Himalaia, frequentemente atingida por enchentes, entre outras tragédias naturais, e tentativas de invasões. Sua liderança no contexto global, desde então, foi capaz de intervir na realidade, elaborando e executando empreendimentos que pacificaram e unificaram seu território, afirmando seu processo civilizatório milenar. Jabbour (2021) ainda destaca a unificação da língua e a invenção do papel moeda num sistema monetário único. Apesar da unificação política e territorial, a China sempre foi tolerante quanto à diversidade religiosa presente em seu território. A religião nunca se confundiu com o processo civilizatório como ocorreu no Ocidente. O confucionismo, enquanto filosofia e não religião, teve um papel fundador deste processo civilizatório pacificador e tolerante. (JABBOUR, 2021).

A China também é conhecida como Império do Meio, ou o País Central, ou seja, os chineses "[...] acostumados a serem referências civilizacionais com as nações no leste asiático, passaram a considerar os estados estrangeiros ou como tributários, ou como distantes e bárbaros." (UNZER, 2019, p. 5). Segundo seus princípios fundadores, estão acostumados, historicamente, a uma condição de estar "entre" (no Império do Meio) – mediando as relações territoriais. A China surge em torno de seu mito fundador, o Imperador Amarelo, sendo responsável por restaurar o território chinês. Portanto, restaurar e não criar, reconhecendo que a civilização chinesa não tem um início. "Perante a história, ela assoma mais como um fenômeno natural permanente do que como um Estado-nação convencional." (KISSINGER, 2012, p.13).

Ao fim de cada colapso, o Estado chinês se recompunha como que por uma lei imutável da natureza. Em cada estágio, uma nova figura unificadora emergia, seguindo em essência o exemplo do Imperador Amarelo, para subjugar seus rivais e reunificar a China (e às vezes ampliar suas fronteiras). [...] Cada período de desunião era visto como uma aberração. Cada nova dinastia recorria aos princípios de governo da dinastia precedente a fim de restabelecer a continuidade. Os preceitos fundamentais da cultura chinesa perduravam, testados pelo esforço da calamidade periódica. [...] Após 221 a.C., a China manteve o ideal de império e unidade, mas seguiu a prática de se fragmentar depois se unir, em ciclos que às vezes duravam várias centenas de anos. (KISSINGER, 2012, p. 14).

A China, em seu processo histórico, sempre buscou os princípios de unidade e pacificação do seu território. Uma dinastia era inaugurada quando a unidade territorial e a paz eram restabelecidas. Consequentemente, a ausência destes dois princípios (de unidade e pacificação) levava uma dinastia ao fim e o caos se instalava. Quase todos os impérios foram criados pela força, mas o confucionismo, que constitui o aspecto excepcional da cultura chinesa, trouxe a prerrogativa de que seus soberanos deveriam ter a capacidade de moldar o futuro, o que seria a suprema arte de governar. Ou seja, o império persiste se a repressão dá lugar ao consenso (KISSINGER, 2012. p. 19). Outra excepcionalidade, principalmente se compararmos com a lógica cristã ocidental, é que o confucionismo tem sua filosofia baseada na busca pela redenção do Estado mediante o comportamento individual correto, um pensamento que afirma um código de conduta social, não um caminho para a vida após a morte.

Hoje, a China condiciona o futuro de sua civilização ao futuro do planeta e da humanidade. Se sua origem se confunde com a origem da humanidade e da natureza, o fim da humanidade e do planeta seria também o seu fim. O atual governante chinês Xi Jinping (2021) trata, em seu discurso recente para o centenário do PCCh, sobre um mundo onde o futuro é compartilhado, assumindo a tarefa de reconstruir este futuro e reconhecendo que os problemas globais afetam o desenvolvimento da China. Deste modo, podemos entender o que motiva a defesa das vacinas contra a Covid-19 como bem público mundial, assim como os investimentos de alto risco feitos nos acordos do *Belt and Road Initiative (BRI)* em países economicamente e politicamente instáveis.

Segundo o diplomata brasileiro Samuel Guimarães (2020), "enquanto o império hegemônico do ocidente aposta na política de desconexão: mina multilateralismo e busca reafirmar poderio militar, a China busca o apaziguamento: estabilidade interna e parcerias comerciais do tipo ganha-ganha onde o comércio exterior e o 5G são nós imediatos." (GUIMARÃES, 2020, *online*). É importante destacar que Samuel Guimarães, desde o início da sua carreira, buscou resistir às interferências do que chamamos de Império (HARDT, NEGRI, 2001). Esta posição ganha destaque quando, estando ministro-chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos do Governo Lula, assume contribuições de extrema relevância com relação à articulação política de consolidação do Mercosul.

A China tem se apresentado como uma alternativa ao processo civilizatório que conhecemos no ocidente, e isso tem gerado um mau estar no Império configurado por uma rede de elites ocidentais. Sua influência se expande no Sul Global ao apresentar-se como uma alternativa econômica, cultural e produtiva. A geopolítica do ganha-ganha chinês não trata de um processo de internacionalização rumo à uma nova forma de globalização, mas sim, de um processo intercivilizatório buscando um mundo onde o futuro é compartilhado nas relações Sul-Sul.

3 Relações internacionais com características chinesas e cooperação Sul-Sul

Você tem medo que a China nos supere, e eu concordo com você. Mas você sabe por que a China nos superará? Eu normalizei relações diplomáticas com Pequim em 1979, desde essa data... você sabe quantas vezes a China entrou em guerra com alguém? Nem uma vez, enquanto nós estamos constantemente em guerra. (CARTER, 2020, *online*)⁸

Segundo Guimarães (2020), os Estados Unidos e a China parecem estar se movendo em direção a uma separação política e psicológica pois, "tudo indica que a coexistência não será nem *decoupling* (desconexão) nem *appeasement* (apaziguamento), já que as economias destes dois países estão hoje, e estarão no futuro previsível, ligadas." (GUIMARÃES, 2020).

Durante a Guerra Fria, os países do planeta terra foram classificados de acordo com seus aliados em três mundos⁹: O Primeiro Mundo era formado pelos Estados Unidos e aliados, o Segundo Mundo pela União Soviética e aliados e o Terceiro Mundo, formado por países não-alinhados (países do Movimento dos Países Não Alinhados - MNA) ou por países neutros¹⁰.

É precisamente deste período a teorização em torno das "zonas intermediárias", que depois se desdobra na teoria dos "três mundos", base dos princípios da "multipolaridade" nas relações internacionais que agora ocupa o centro da política externa chinesa, fundada no *peaceful development*. Aliás, já este conceito remete ao início da década de 1950 quando, a propósito das "relações bilaterais acerca da região do Tibet", o primeiro ministro Zhou Enlai propôs à delegação indiana Os Cinco Princípios da Coexistência Pacífica [...] (SILVA, 2020, p. 150).

Em sua conferência¹¹ inaugural (1955), o MNA apresentou os "Dez Princípios de *Bandung*"¹² que nortearam as políticas de não alinhamento e os critérios centrais para pertencer ao Movimento. Destes princípios, destaca-se o respeito à soberania e integridade territorial de todas as nações, a abstenção de intervir nos assuntos internos de outro país, a abstenção de uso de pactos de defesa coletiva a serviço de interesses particulares de quaisquer grandes potências, exercer pressões sobre outros países, realizar atos ou ameaças de agressão, entre outros princípios que revelam uma resposta à OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), formada 10 anos antes, em 1945.

O Movimento dos Países Não Alinhados (MNA) se opôs ao colonialismo, ao imperialismo e ao neocolonialismo e a sua política de não-alinhamento aos países do bloco Otocêntrica ou Atlântica – foi uma postura diplomática e geopolítica de equidistância das Grandes Potências, surgindo assim o movimento que chamamos atualmente de cooperação Sul-Sul. O termo tem sua origem identificar que a maioria dos países membros do MNA (e dos países neutros) estão no Sul Global, que não deve ser confundido com o hemisfério Sul. Ao se aproximarem e identificarem pautas de interesse comum, estes países estabeleceram bons acordos de cooperação entre si – cooperação Sul-Sul. De lá pra cá, esta cooperação Sul-Sul vem se consolidando via cooperação entre países emergentes (ou em desenvolvimento) como o BRICS, o IBAS e o Mercosul. Observa-se, historicamente, que as principais características chinesas em suas relações internacionais envolve a lógica ganha-ganha, o destaque para a importância do multilateralismo, o que converge para a defesa de um não-alinhamento.

Claramente dando continuidade aos princípios do MNA, o atual Ministro Conselheiro da Embaixada da República Popular da China Qu Yuhui, em sua palestra para I Congresso Internacional "Direito e Economia Política Internacional"¹³ (2021), apresentou a visão atual das Políticas de Relações Internacionais da China, abordando seus principais desafios e políticas. Destaca-se nessa visão, uma diplomacia que é milenar, ainda que tradicional. Contudo, observa-se que a diplomacia chinesa é dinâmica o suficiente para se inserir em um contexto geopolítico complexo e mutante. Segundo Qu Yuhui (2021), desde 2013, o governo Xi Jinping defende a construção de um modelo de relações internacionais baseado em três pilares: respeito, justiça e cooperação. Atualizando as ideias de Xi publicadas em 2019 nos livros *A Governança da China I* e *A Governança da China II* (XI, 2019), trazemos aqui neste artigo as atuais posições da China relativas às suas propostas para relações internacionais.

Para Xi, o primeiro pilar é o respeito em um mundo diverso com uma Comunidade Internacional composta por mais de 200 países. Não é possível (e também não é desejável) que todos os países adotem o mesmo modelo de desenvolvimento e a mesma política. Não se pode estabelecer uma resposta unificada para todos os países do mundo. Não há superioridade ou inferioridade nos caminhos de desenvolvimento. Existem metas comuns, valores comuns. O desenvolvimento pacífico, a justiça, a liberdade e a democracia são valores comuns a toda a comunidade internacional, entretanto, é preciso reconhecer que cada país tem sua particularidade para elaborar seu próprio modelo de desenvolvimento.

O segundo pilar é a justiça. Qu Yuhui (2021) afirma que é preciso buscar um multilateralismo verdadeiro. Ou seja, há muitas discussões sobre a questão do multilateralismo, porém destaca-se que: (i) existe apenas um sistema no mundo; (ii) a ordem internacional é baseada nas leis internacionais, no direito internacional tendo a ONU como seu núcleo; (iii) uma ordem internacional baseada em leis é a diferença entre a diplomacia chinesa e a diplomacia de alguns países ocidentais.

Ressalta-se, portanto, que a maioria dos países ocidentais defende uma ordem internacional baseada em regras e que a China, por outro lado, defende que todos os países devem elaborar leis internacionais justas e objetivas. Ou seja, as regras, defendidas por alguns países, provocam questionamentos sobre quem vai defini-las. Já o multilateralismo defendido pela China apoia-se no direito internacional e não em regras definidas por um número muito reduzido de países.

O terceiro e último pilar é a cooperação. Se existem diferenças de interesses entre os países, assim como diferenças de interpretação do mundo, precisamos cooperar e dialogar para darmos uma resposta precisa aos novos desafios globais. É neste espírito que a China está defendendo a construção de uma comunidade de futuro compartilhado. Iniciativas como *One Belt One Road* (Um Cinturão Uma Rota) são exemplos de políticas internacionais concretas adotadas pela China neste momento desafiador. É neste sentido que propomos atentarmos para a questão das diversas velocidades e vetores de desenvolvimento para o Sul Global.

4 Outros vetores temporais: o Sul Global assíncrono

Yuk Hui¹⁴, formado em engenharia da computação pela Universidade de Hong Kong e em filosofia e pela Goldsmiths College de Londres, é um importante pensador contemporâneo envolvendo o debate sobre filosofia

da tecnologia. Em seu livro *Tecnodiversidade*, publicado em 2020 no Brasil pela editora Ubu, o autor nos apresenta uma perspectiva diversa para o futuro da humanidade, e propõe a cosmotécnica como uma cosmopolítica contrapondo a visão tecnocêntrica e universal do ocidente. Segundo a definição do autor, a "[...] cosmotécnica é a unificação do cosmos e da moral por meio das atividades técnicas, sejam elas da criação de produtos ou de obras de arte. Não há apenas uma ou duas técnicas, mas muitas cosmotécnicas." (YUK, 2020, p. 39).

A principal dificuldade de toda cosmopolítica está na reconciliação entre o universal e o particular. O universal tende a contemplar os particulares do alto, da mesma forma como Kant observava a Revolução Francesa – como um espectador que assiste do camarote do teatro a uma peça violenta. A universalidade é a visão de um espectador, nunca a de um ator. (YUK, 2020, p. 26).

Yuk nos chama a atenção para o processo de universalização que é unilateral e "[...] reduz o pensamento não ocidental a mero passatempo". Entretanto, atualmente, as tecnologias militar-industriais do Sul Global estão alcançando o Ocidente" (YUK, 2020, p. 63) revertendo o processo de universalização.

A globalização unilateral que chegou ao fim está dando lugar a uma competição de acelerações tecnológicas e às tentações da guerra, da singularidade tecnológica e dos sonhos (ou delírios) transumanistas. O Antropoceno é um eixo de tempo global e de sincronização que tem como base essa visão do progresso tecnológico rumo à singularidade. Recolocar a questão da tecnologia é recusar esse futuro tecnológico homogêneo que nos é apresentado como a única opção. (YUK, 2020, p. 46).

E, neste sentido, para o autor:

Precisamos voltar à palavra "aceleração" em si mesma, já que é muito fácil se deixar enganar por uma identificação impensada entre aceleração e velocidade. Se nos lembrarmos das aulas de física no ensino médio, em que $a = v-v_0/t$, então a aceleração é igual à variação da velocidade (de v para v_0) dividida pelo tempo. V representa a velocidade vetorial, e não escalar. Enquanto a grandeza escalar apresenta apenas módulo, a grandeza vetorial também contém direção e sentido. (YUK, 2020, p. 87-88).

O Ocidente se move aceleradamente rumo à uma unificação, com a predominância em toda parte de um único sistema técnico ou, segundo Yuk Hui, rumo à uma sincronização no seu processo de modernização. Uma sincronização da técnica e da natureza impulsionado pela colonização em uma única história — um "eixo de tempo global" — como ilustrado pela figura 1.



Fig. 1: Sincronização de história e eixo de tempo global. Fonte: YUK, 2020, p. 76.

"A Terra e o cosmos foram transformados em um imenso sistema tecnológico – o ápice da ruptura epistemológica e metodológica a que chamamos de modernidade" (YUK, 2020, p. 24). A crise do Antropoceno leva a humanidade à singularidade tecnológica¹⁵, mais uma vez, um ponto de convergência no eixo do tempo global. A singularidade tecnológica, hipótese pontual na história da humanidade, é quando a máquina consciente e inteligente supera a capacidade de pensamento de todas as mentes humanas combinadas - *intelligence explosion* ou o *Homo Deus*¹⁶ apocalíptico. Este cenário apocalíptico tecnocêntrico ocidental, aponta para um futuro obscuro, para uma sociedade controlada e para um estado-super-computador onde o desemprego em massa é causado pela substituição do homem por máquinas inteligentes.

Em face dos desdobramentos distópicos recentes da tecnologia, é preciso descartar com urgência essa ideia universal da tecnologia. Para compreender a tecnologia para além desse universal, Yuk Hui invoca a busca por uma nova cosmologia, que permitiria a construção de uma olhar "de fora", que colocasse a técnica em seu devido lugar, qual seja, de apenas mais um entre os elementos da existência. Essa ideia de "cosmotécnica" é libertadora. (LEMOS, 2020, p.10).

Quando o Ocidente se (re)encontra com a China, este olhar "de fora" permite perceber que as nossas visões distópicas de futuro não são universais. A visão de que a tecnologia assume uma posição de dominação da humanidade é uma visão singular ocidental não universal. Para Yuk, "[...] não precisamos mostrar quem é mais avançado do que o outro, mas explorar os diferentes sistemas de pensamento tecnológico" (YUK, 2020, p. 126). Há uma multiplicidade de visões sobre a tecnologia — tecnodiversidade. A China, civilização milenar, emerge no século XXI noutra velocidade, noutra sentido, noutra direção assíncrona ao Ocidente.

Por que não considerar outra forma de aceleração que não leve a velocidade a seus extremos, mas que mude a direção do movimento, que dê à tecnologia um novo referencial e uma nova orientação no que diz respeito ao tempo e ao desenvolvimento tecnológico? Caso o façamos, poderemos também imaginar uma bifurcação do futuro, que, em vez de se mover em direção ao apocalipse, se multiplica e dele se afasta? (YUK, 2020, p. 88).

Ao longo do século XX, a China construiu uma outra orientação para a velocidade do seu aceleracionismo, um processo com erros e acertos, observando de longe o Ocidente e experimentando a partir de sua filosofia e tecnologia milenar. A ascensão da China nos últimos anos é nítida, mas é ainda mais importante observar seu movimento peculiar de fechar-se e abrir-se para o Ocidente, se fortalecendo neste constante movimento. Este

processo de se fechar em alguns momentos, se protegendo do processo de universalização, permitiu-lhe inserir características chinesas com estratégias políticas, sociais, econômicas, tecnológicas e culturais, distintas do Ocidente, criando o seu próprio processo de modernização.

A estratégia adotada durante o período das reformas na década de 1980 até os anos 2000 fundamentou-se no ditado de Deng Xiaoping: “observe cautelosamente, mantenha o baixo perfil, espere seu momento, enquanto obtenha algo que foi realizado”. Como lembra Li Xing, a expressão idiomática é “Tao Guang Yang Hui”, que significa “oculte o brilho e cresça na escuridão”, que em outros termos seria manter um perfil baixo no decorrer do processo de reformas e crescimento, uma escolha estratégica de esperar o momento quando a China estiver pronta para se afirmar na esfera global e estar preparada para realizar o desafio. (VADELL, 2021, p.10).

Sendo assim, após o século de humilhações, a China tirou proveito de momentos geopolíticos favoráveis para, cautelosamente, se abrir. A Grande Muralha, o Grande Canal e os sistemas de irrigação milenares do Rio Amarelo são exemplos de estratégias tecnológico–infraestruturais que protegeram, pacificaram e unificaram seu território, criando condições da civilização chinesa se fortalecer e se desenvolver. Metaforicamente se fala hoje do *Great Firewall of China*, para além da metáfora, é uma estratégia civilizatória milenar que se repete, conectando-se ao Ocidente com características chinesas. Com a sua Internet isolada do mundo, a China pode criar suas próprias versões de aplicativos. Sendo assim, no momento de sua abertura, já havia alcançado condições de igualdade para se posicionar globalmente. Percebe-se que há outras velocidades e direções possíveis para o seu desenvolvimento.

Talvez devêssemos atribuir ao pensamento a tarefa oposta àquela que lhe é oferecida pela filosofia iluminista: fragmentar o mundo de acordo com o diferente, em vez de universalizá-lo através do mesmo; induzir o mesmo através do diferente, em vez de deduzir o diferente a partir do mesmo. Um novo pensamento histórico-mundial precisa emergir diante do derretimento do mundo. (YUK, 2020, p. 72)

5 A tecnologia do 5G como estratégia acelerada para o desenvolvimento integrado do Sul Global

A tecnologia 5G, nova geração de comunicação móvel, permite o desenvolvimento de Sistemas Ciberfísicos¹⁷, Internet das Coisas e Computação em Nuvem. Com baixa latência, sua comunicação é confiável e, portanto, capaz de operar com segurança a comunicação máquina-a-máquina. (JARAMILLO et al., 2017). O 5G tem sido essencial para operações sofisticadas e complexas da Quarta Revolução Industrial. Esta revolução é, necessariamente, também, uma revolução no campo da Inteligência Artificial e de novos sistemas industriais–produtivos. (SASTRE et al., 2018, p. 40). O conjunto destas tecnologias disruptivas possibilitará avanços significativos nos projetos de arquitetura, urbanismo, infraestrutura e paisagismo. *Smart Cities, Eco Cities*, sistemas de transporte eficientes, otimização na produção e uso de energia e de água, segurança e governança digital, estão entre os avanços já identificados. É fundamental destacar que este avanço tecnológico é alimentado pelos dados produzidos pelos seres humanos, algo que Yuk (2020) denomina urbanismo digital.

O urbanismo digital que está em processo de desenvolvimento e será o tema principal da economia digital é movido pelo uso recursivo dos dados. Data, em latim, significa algo já dado, já recebido, como os dados sensoriais que determinam a queda do carrapato ou a cor vermelha da maçã diante de mim; desde meados do século XX, os dados adquiriram um novo sentido – ou seja, informação computacional – que não é mais “dado” a partir de fora, mas produzido e modulado por seres humanos. (YUK, 2020, p. 116)

O urbanismo digital é estratégico para o desenvolvimento e o futuro de qualquer Estado–nação, portanto, se insere, também, em uma disputa geopolítica e estratégica para a cooperação Sul-Sul. Esta disputa, segundo a presidenta Dilma Rousseff (2020), em fala durante um webinar – Geopolítica e Disputas Territoriais – organizado pelos autores deste artigo, é percebida nitidamente no embargo à 5G da chinesa *Huawei* pelo grupo *Five Eyes* (Aliança Cinco Olhos¹⁸). Para isso, as empresas ocidentais argumentaram que os produtos chineses possibilitam uma devassa nos dados dos demais países. Ainda, segundo Rousseff, esta narrativa torna-se sem efeito se considerarmos que a curto prazo teremos uma criptografia quântica¹⁹ que vai impedir qualquer apropriação de dados ilegalmente.

Rousseff, que foi alvo de espionagem da NSA²⁰, incentivou a construção do cabo submarino²¹ dos BRICS conectando o Sul Global, sem a necessidade de utilizar *hubs* de comunicação na Europa ou nos Estados Unidos. A importância da regulação tecnológica pelo Estado é algo que Rousseff (2020) defende: "Vamos ter de regular e vamos ter de fazer esse movimento 'para fora' e 'para dentro' em relação ao Estado e acho que nós temos de entender que é um crime banir do Brasil a 5G! A 5G chinesa! Porque a outra não existe ainda."

Yuk (2020), assim como Rousseff (2020), nos convida a olhar "de fora", colocando a técnica em seu devido lugar. Acredita-se que é necessário buscar uma visão cosmotécnica para se compreender quais são os caminhos possíveis para o desenvolvimento, assim como olhar "para dentro" tendo o Estado como regulador.

Nesse sentido, podemos ver que a noção de 'sociedade de controle' descrita por Gilles Deleuze está muito distante do discurso de uma sociedade de vigilância - que, por sua vez, se revela de fato como uma sociedade cuja governamentalidade se baseia na autoafirmação e na autoregulação de sistemas automáticos. (YUK, 2020, p. 116-117)

Se a técnica e a moral estão juntas, é possível haver controle sem necessariamente a adoção de um Estado de vigilância. Apostamos na substituição de tecnologias por cosmotécnicas. Neste sentido, as tecnologias de vigilância comandada pelos grandes conglomerados capitalistas das *Big Techs* no ocidente, que promovem uma sociedade de controle para benefício de poucos, poderia ser substituída por uma sociedade onde a governança cosmotécnica promova o bem comum, coletivo, garantido pelo Estado.

6 Considerações finais

Neste sentido, a China é uma referência do Sul para o Sul, pois possui uma alternativa de desenvolvimento econômico que coloca a técnica no seu devido lugar, adotando uma visão cosmotécnica que identifica futuros possíveis, tendo o Estado como ator fundamental deste movimento. Pela cosmotécnica é possível ter esperança no futuro e entender que a partir do Sul Global, a sociedade de controle pode ser uma sociedade cuja governança se baseia na autoafirmação e na autoregulação em prol de justiça econômica e social, assumindo a diversidade em direção da cooperação entre os países.

Conclui-se que a China é uma excelente referência com relação a uma forma de colaboração global que aponta as falhas e ineficiências das instituições multilaterais internacionais, sem tentar destruí-las ou substituí-las, pois busca reformá-las e está disposta a cooperar. Em defesa de verdadeiras relações internacionais multilaterais, ela incentiva o respeito e a justiça, assumindo um papel importante na cooperação Sul-Sul. Acreditamos que assumir uma política de ganha-ganha, via cooperação entre países do Sul Global, será inevitavelmente melhor para o Brasil e para os países do Sul Global, já que as políticas de submissão ao Norte adotada por muitos países nos últimos anos, levaram à situação insustentável de desigualdade social propiciada por uma acumulação capitalista eticamente perversa. Ressalta-se que esta acumulação sem precedentes, inclui a atuação de atores principais pertencentes ao capitalismo rentista aliados às *Big Techs*.

É urgente dessincronizar o modo de desenvolvimento do Ocidente imperial! Eis a nossa aposta.

7 Agradecimentos

Agradecemos à PROEX da Universidade Federal de Minas Gerais pelo financiamento de nossos bolsistas de extensão e dos projetos Plataformas Tecnopolíticas e Geopolítica e Cidades, vinculados ao Programa de extensão IndLab. Também agradecemos a todos os pesquisadores e alunos de graduação e pós-graduação que vêm trabalhando conosco no desenvolvimento de estudos geopolíticos e territoriais dentro do grupo de pesquisa Geopolítica e Planejamento Territorial (GeoPT).

Referências

CAMBUHY, M. China: êxito na retomada econômica e na luta contra a extrema pobreza. **Le Monde Diplomatique Brasil**. 26 de novembro de 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/china-exito-na-retomada-economica-e-na-luta-contra-a-extrema-pobreza/> Acesso em: 20 Out. 2021.

CARTER, J. EUA estão em decadência porque são a nação que mais promove guerras na história. **UOL Notícias**. In: Internacional. São Paulo: 15 de abril de 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2019/04/15/trump-conversa-com-ex-presidente-carter-sobre-negociacoes-com-a-china.htm> Acesso em: 14 Ago. 2021.

- CGTN. **Challenges, goals and proposals from China's ruling party plenum communique**. 29 de outubro de 2020. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/2020-10-29/19th-CPC-Central-Committee-concludes-fifth-plenary-session-UZ8ZC4kHhm/index.html>. Acesso em: 26 Jul. 2021.
- GUIMARÃES, S. P. EUA & China: Duas estratégias na luta pela hegemonia. In: Geopolítica & Guerra. **Outras Palavras**. São Paulo: 12 de Maio de 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/eua-china-duas-estrategias-na-luta-pela-hegemonia>. Acesso em: 01 Ago. 2021.
- HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- HU, A. **Economic and Social Transformation in China**. New York: Routledge, 2017.
- HU, A. **China in 2020: A New Type of Superpower**. Washington: The Brookings Institution, 2011.
- JABBOUR, E. Para não negarmos o futuro: Por uma visão brasileira do mundo. **Indisciplinar**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 22–33, 2020. DOI: 10.35699/2525-3263.2020.26243. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/26243>. Acesso em: 12 Ago. 2021.
- JABBOUR, E. **Duplo Centenário e globalização com características chinesas - 2ª Sessão**. Lisboa: Centro de Estudos Asiáticos, 23 de Julho de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/BSy2Weuu2ao> Acesso em: 14 Ago. 2021.
- JARAMILLO, N., OCHOA, A., PÁEZ, W., PEÑA, A. Tecnología 5G. **Ingeniería, Matemáticas y Ciencias de la Información**. v. 4, n. 8, p. 41-45, ju. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.21017/rimci.2017.v4.n8.a31> Disponível em: <http://ojs.urepublicana.edu.co/index.php/ingenieria/article/view/394/347> Acesso em: 20 Out. 2021.
- KISSINGER, H. **Sobre a China**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- LEMONS, R. **Contra o derrotismo em face da tecnologia**. In: YUK, Hui. Tecnodiversidade. São Paulo: Ubu, 2020.
- MORENO, C. **O Brasil made in China: para pensar as reconfigurações do capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2015.
- NYE, J. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. Nova Iorque: Public Affairs, 2004.
- PRAZERES, T. A China põe fim à pobreza em 2020? Com avanço impressionante nessa área, governo se apronta para celebrar. **Folha de São Paulo**, São Paulo: 10 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tatiana-prazeres/2020/01/a-china-poe-fim-a-pobreza-em-2020.shtml?origin=folha>. Acesso em: 20 Out. 2020.
- QU, Y. Ministro Conselheiro da Embaixada da República Popular da China no Brasil. Mesa de Encerramento do I Congresso Internacional "Direito e Economia Política Internacional". **Relações Internacionais com características chinesas e cooperação Sul-Sul**. 18 de Junho de 2021.
- ROUSSEFF, D. **Revolução Tecnológica 4.0 e Capitalismo de Vigilância em um novo mundo multipolar**. Palestra integrante do webinar Geopolítica e Disputas Territoriais. Belo Horizonte: INDLab, 2020. Disponível em: <http://geopoliticaedisputasterritoriais.geobiotecnopolitica.net>. Acesso em: 14 Ago. 2021.
- SASTRE, D. M; MARTÍN, L. R; MARTÍN, I. R. La tecnología 5G y su papel en la conversión de las ciudades en Smart Cities: el caso de Segovia. **Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologías de Información**. n. E16, p. 15-27, 2018. Disponível em: <http://www.risti.xyz/issues/ristie16.pdf>
- SILVA, M. A. da China: socialismo de mercado, relações internacionais e questão ideológica, **Geosul**, v. 37, n. 77, p. 151.
- UNZER, E. **História da Ásia**. Seattle: Amazon, 2019.
- VADELL, J. [Org] **A expansão econômica e geopolítica da China no século XXI**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2021.

YUK, H. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu, 2020.

XI, J. **A governança da China**. Tomo I. Rio de Janeiro: Contraponto; Foreign Language Press, 2019.

XI, J. Íntegra do Discurso de Xi Jinping no Centenário do PCCh. **Tribuna de Macau**. Macau: 2 de agosto de 2021. Disponível em: <https://jtm.com.mo/actual/discurso-na-integra-presidente-xi-jinping-na-cerimonia-marcou-centenario-pcc/> Acesso em 5 Ago. 2021.

1 Destaca-se a organização em 2020 do webinar oferecido para as duas pós-graduações da Escola de Arquitetura da UFMG denominado "Geopolítica e Disputas Territoriais" que debateu os seguintes temas que nos interessam em nossas pesquisas: "Novo Mundo Multipolar e Multilateral" e "Queda do poderio dos EUA" com os debatedores José Luis Fiori (UFRJ) e Elias Jabour (UERJ); "Ascensão do poderio da China e expansão da influência territorial da China no sudeste asiático e no mundo", a "Dimensão territorial do desenvolvimento chinês" e a "A consolidação da Eurásia - BRICS e As Novas Rotas da Seda" com os debatedores Fábio Tozi (UFMG), Pepe Escobar (Asian Times); "O devir urbano chinês" com os debatedores Tiago Schultz (UFBA), Pasqualino Magnavita (UFBA); "Expansão da Rota da Seda no mundo e a Rota do Algodão na América Latina", "Mercosul, Unasul e Celac e integração latinoamericana", "Expansão da influência territorial da China, *Soft Power*, ZEE" com os debatedores Mônica Bruckmann (UFF) e Gilberto Libânio (UFMG); "Sociedade Civil e Filantropia no contexto da disputa entre: Império Progressista, Imperialismo Neocon e o Novo Meridionalismo incluindo a Eurásia" com o debatedor Dejan Mihailovic (México/ Sérvia); "Revolução Tecnológica 4.0 e Capitalismo de Vigilância em um novo mundo multipolar" com a debatedora e da presidenta Dilma Rousseff. Disponível em: <http://geopoliticaedisputasterritoriais.geobiotecnopolitica.net/> Acesso em: 14 de Agosto de 2021.

2 Disponível em: <https://ceasiaufpe.com.br/>. Acesso em 13 de Novembro de 2021.

3 Pretendemos dar continuidade aos debates que disputam conceitos de desenvolvimento nacional, soberania e cooperação Sul-Sul, escapando do movimento anti-desenvolvimentista do marxismo cultural e ambiental, que vem sendo justificado pelo Antropoceno e pela singularidade tecnológica, que cria discursos que, segundo nosso ver, nos impedem de pensar o desenvolvimento como algo positivo para a economia e para a sociedade como um todo.

4 O século de humilhação, também referido como os cem anos de humilhação nacional e termos semelhantes, refere-se ao período de subjugação que a China sofreu sob o imperialismo, tanto ocidental como japonês. Desde a ascensão do nacionalismo moderno na década de 1920, o Kuomintang e o Partido Comunista Chinês usam esses conceitos para caracterizar a experiência chinesa em perdas de soberania entre 1839 a 1949. Fonte: Alison Adcock Kaufman, "*The 'Century of Humiliation', Then and Now: Chinese Perceptions of 18th International Order*", Pacific Focus 25.1 (2010): 1-33.

5 Samuel Pinheiro Guimarães foi secretário-geral das Relações Exteriores do Ministério das Relações Exteriores de 9 de janeiro de 2003 até 20 de outubro de 2009. Foi empossado como ministro-chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (SAE). Deixou o cargo em 31 de dezembro de 2010, no final do Governo Lula. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Samuel_Pinheiro_Guimar%C3%AAs_Neto. Acesso em: 15 de agosto de 2021..

6 *China and the World in the New Era. Whitepaper*, publicado em 27 de setembro de 2019 pelo *The State Council Information Office of the People's Republic of China*. Disponível em: http://english.www.gov.cn/archive/whitepaper/201909/27/content_WS5d8d80f9c6d0bcf8c4c142ef.html Acesso em: 5 de agosto de 2021. Estes dados também constam na CGTN, que é uma estatal chinesa controlada pelo PCCh. Os dados apresentados pela CGTN são dados de um relatório oficial do Governo Chinês. Os fatos apresentados pela CGTN foram confirmados em artigo da pesquisadora brasileira Melissa Cambuhy (CAMBUHY, 2020, *online*), assim como da colunista da Folha Tatiana Prazeres (PRAZERES, 2020, *online*), que foi conselheira sênior na direção-geral da OMC, que por sua vez, cita o secretário geral da ONU, António Guterres. Ressaltamos que os dados utilizados neste artigo tentam escapar às fontes ocidentais e trazer falas e informações advindas de atores pertencentes ao Sul Global.

7 *Soft Power*, no original em inglês. Termo cunhado pelo cientista político Joseph S. Nye Jr. no início dos anos 1990 para denominar os recursos ideológicos, morais ou culturais que permitem que influência seja exercida sem recurso à coerção ou a incentivos econômicos característicos do exercício do poder bruto, ou *Hard Power* (NYE, 2004).

8 Mensagem a Donald Trump explicando as razões do declínio americano e da ascensão da China. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2019/04/15/trump-conversa-com-ex-presidente-carter-sobre-negociacoes-com-a-china.htm/> Acesso em: 14 de Agosto de 2021.

9 Esta divisão surge da ideia de autoria de Alfred Sauvy, inspirado na proposição do Terceiro Estado da Revolução Francesa. Alfred Sauvy propunha que os países membros do chamado Terceiro Mundo deveriam se unir e revolucionar a Terra, criando um multilateralismo do ponto de vista das relações internacionais que naquele momento estavam polarizados pela Guerra Fria. Alfred Sauvy. *In*: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfred_Sauvy Acesso em: 20 de outubro de 2021.

10 Brasil, Uruguai, Argentina, Paraguai e México eram alguns dos países neutros que apesar de não serem membros do MNA, são considerados observadores do movimento.

11 A Conferência de Bandung, "propôs a criação de um "tribunal da descolonização" para julgar os responsáveis pela prática de políticas imperialistas, entendidas como crimes contra a humanidade, mas a ideia foi vetada pelos países centrais. Bandung deu origem a uma política de não-alinhamento - uma postura diplomática e geopolítica de equidistância das Grandes Potências -, através da qual dezenas de nações tentariam não ser transformadas em joguetes dos titãs da Guerra Fria." Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Conferência_de_Bandungue. Acesso em: 03 Ago. 2021.

12 Os dez princípios do não-alinhamento são: (1) Respeito aos direitos fundamentais; (2) Respeito à soberania e integridade territorial de todas as nações; (3) Reconhecimento da igualdade de todas as raças e nações, grandes e pequenas; (4) Não-intervenção e não-ingerência nos assuntos internos de outro país - (Autodeterminação dos povos); (5) Respeito pelo direito de cada nação defender-se, individual e coletivamente; (6) Recusa na participação dos preparativos da defesa coletiva destinada para servir aos interesses particulares das superpotências; (7) Abstenção de todo ato ou ameaça de agressão, ou do emprego da força, contra a integridade territorial ou a independência política de outro país; (8) Solução de todos os conflitos internacionais por meios pacíficos (negociações e conciliações, arbitradas por tribunais internacionais); (9) Estímulo aos interesses mútuos de cooperação; (10) Respeito pela justiça e obrigações internacionais.

13 Qu Yuhui é Ministro Conselheiro da Embaixada da República Popular da China no Brasil. Mesa de Encerramento do I Congresso Internacional "Direito e Economia Política Internacional". Relações Internacionais com características chinesas e cooperação Sul-Sul. 18 de Junho de 2021. Transcrição dos autores. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mCoMWHbGXmI> Acesso em: 5 Ago. 2021.

14 *Research Network for Philosophy and Technology*. Yuk Hui, *Biography*. *In*: *Philosophy and Technology*. Disponível em: <http://philosophyandtechnology.network/yuk-hui/> Acesso em: 21 de outubro de 2021.

15 "Singularidade tecnológica é a hipótese que relaciona o crescimento tecnológico desenfreado da super inteligência artificial a mudanças irreversíveis na civilização humana. Segundo essa hipótese, a "reação desenfreada" de um agente inteligente atualizável com capacidade de auto-aperfeiçoamento (como um computador que executa inteligência artificial baseada em *software*) geraria cada vez mais rapidamente, indivíduos dotados de uma super inteligência poderosa que, qualitativamente, ultrapassa toda a inteligência humana." Extraído de: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Singularidade_tecnol%C3%B3gica Acesso em: 5 de Agosto de 2021.

16 *Homo Deus* é título do livro de Yuval Noah Harari que trata da dominação da humanidade pela Inteligência Artificial.

17 Um sistema ciberfísico (*cyber-physical system* - *CPS*) é um sistema composto por elementos computacionais colaborativos com o intuito de controlar entidades físicas. A geração anterior à dos sistemas ciberfísicos é geralmente conhecida como sistemas embarcados, e encontraram aplicações em áreas diversas, tais como aeroespacial, automotiva, processos químicos, infraestrutura civil, energia, saúde, manufatura, transporte, entretenimento, e aplicações voltadas ao consumidor. Sistemas embarcados, no entanto, tendem a focar mais nos elementos computacionais, enquanto que sistemas ciberfísicos enfatizam o papel das ligações entre os elementos computacionais e elementos físicos. Fonte: Sistema ciberfísico. *In*: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema_ciberf%C3%ADsico Acesso em: 20 Out. 2021.

18 Aliança entre Austrália, Canadá, Nova Zelândia, Reino Unido e Estados Unidos para cooperação de inteligência e espionagem. Aliança Cinco Olhos. *In*: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Aliança_Cinco_Olhos Acesso em: 20 de outubro de 2021.

19 Criptografia quântica. *In*: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Criptografia_quântica Acesso em: 20 de outubro de 2021.

20 *National Security Agency*. <https://www.nsa.gov>

21 *Brazil-Europe Internet cable to cost \$185 million. The BRICS Post*. 13 de fevereiro de 2014. Disponível em: <http://www.thebricspost.com/brazil-europe-Internet-cable-to-cost-185-million/#.YRIUNC35QU4> Acesso em: 14 de Agosto de 2021.